

O Investigar e o experimentar na linguagem do desenho em aulas de artes

Lucas Soares Cabral Souza -UFJF¹
João Pedro Fróes Becker de Castro -UfJF²

Palavras-chave: Desenho, experiência, professor.

1. Introdução

Neste texto buscaremos relatar as experiências vividas pelos bolsistas do PIBID de Artes Visuais e, ao mesmo tempo, dar visibilidade às reflexões surgidas a partir do primeiro contato com a prática docente.

No livro *Em defesa da Escola* (Masschelein, Simons, 2017) os autores defendem que, na sala de aula, o professor está constantemente construindo o saber com o aluno. Este aspecto processual do ensino também é enfatizado por Paulo Freire (2020) quando este último afirma que o trabalho do professor não se define apenas em seu produto final, mas pelo processo contínuo de trocas de conhecimentos entre aluno e educador, no qual ambos se desenvolvem mutuamente. É, portanto, a partir da perspectiva do "construir junto", que iremos abordar nossa visão acerca do desenho como prática investigativa e experimental nas aulas de Artes Visuais.

As vivências aqui relatadas foram marcadas por um caráter de desbravamento, semelhante ao momento em que alguém solta a bicicleta e o aprendiz precisa pedalar sozinho, ainda que isso provoque medo e ansiedade. Chegou a hora de colocar em prática as teorias aprendidas na universidade, “a mão do responsável que auxilia no equilíbrio”, em prática e verificar quais se adequam às situações concretas do cotidiano escolar. Nesse percurso, a reflexão mostrou-se inevitável. Com os incentivos e direcionamentos da professora supervisora, os bolsistas, autores deste relato, puderam repensar e compreender a relevância do ensino do desenho no contexto das aulas de arte, assim como pensaram nos seus desdobramentos e ensinamentos que poderiam trazer uma nova perspectiva do que significa desenhar, e sua função como uma linguagem indispensável do campo das Artes Visuais.

A linguagem do desenho foi escolhida como foco desta experiência, uma vez que, frequentemente, é reduzida a um caráter utilitarista ou a uma visão estritamente mercadológica das artes. No entanto, entendemos que o desenho ultrapassa essas

¹ Graduando em Licenciatura em Artes Visuais na Universidade Federal de Juiz de Fora.
lucassoaresmg.7@gmail.com

² Graduando em Licenciatura em Artes Visuais na Universidade Federal de Juiz de Fora.
joaopedrofroesbecker@gmail.com

limitações, constituindo-se como um meio expressivo, formativo e investigativo de grande relevância para a arte/educação. A escolha também se justifica pela familiaridade dos bolsistas com essa linguagem, o que possibilitou explorar suas potencialidades pedagógicas de forma mais consciente e criativa. O desenho, nesse sentido, abrange desde o desenvolvimento da memória visual e da coordenação motora até a construção da autonomia criadora e da expressão individual. Além disso, permite estabelecer diálogos entre teoria e prática, incentivando os estudantes a compreenderem o ato de desenhar não apenas como técnica, mas como experiência estética, cognitiva e sensível, fundamental para sua formação integral.

2. Desenvolvimento

O presente relato foi produzido pelos bolsistas Lucas Soares e João Pedro Fróes, participantes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), no Colégio de Aplicação João XXIII, em Juiz de Fora, sob supervisão da professora Rejane Santos e coordenação da professora Annelise Nani.

O núcleo do PIBID de Artes foi composto por 16 bolsistas, divididos em dois grupos de oito integrantes. O primeiro grupo atuou no Colégio de Aplicação João XXIII, enquanto o segundo desenvolveu atividades na Escola Estadual Sebastião Patrus de Sousa. Os bolsistas alocados no João XXIII puderam acompanhar as aulas de artes ministradas pela professora Rejane, que lecionava no 4º e 5º anos. Os autores deste relato optaram por acompanhar semanalmente as aulas de três turmas do 5º ano, às quartas-feiras.

A dinâmica estabelecida com a professora Rejane consistia na observação de aulas planejadas e conduzidas por ela, as quais refletiam sua poética pessoal, em consonância com o currículo de arte da escola. Paralelamente, os bolsistas eram incentivados a elaborar propostas próprias que valorizassem seus percursos pessoais, campos de interesse e repertórios artísticos, sem perder de vista o olhar pedagógico. Quando o referido planejamento, realizado conjuntamente com a professora, atingia um estágio adequado, os bolsistas ministravam as aulas.

A proposta pedagógica da professora Rejane, naquele período, estava orientada pelo conceito de territorialidade, com ênfase em temas como espaço, pertencimento, experiência e relações entre ser humano e natureza. Suas aulas exploravam a visualidade presente em mapas, a percepção do território a partir da experiência individual dos alunos e o sentimento de pertencimento ao espaço escolar. Em consonância com essa abordagem, os bolsistas desenvolveram uma proposta

pedagógica que teve como base o uso do sketchbook como suporte e linguagem para experimentações gráficas voltadas para o desenho botânico, explorando fundamentos artísticos e expressividade individual. Na proposta, cada aluno construiu seu próprio sketchbook, que serviu como suporte para a realização de uma série de desenhos e estudos que tinham como foco principal a investigação e a exploração desta linguagem, não se prendendo a resultados finais, mas em processos. Foram, sobretudo nessas experiências, que emergiram as principais reflexões sobre o ensino do desenho no contexto da arte/educação.

2.1. O que estamos entendendo como desenho?

Os bolsistas passaram a refletir sobre a importância do desenho na educação básica e sobre as formas, a partir das quais ele é percebido pelos estudantes. Esse processo de reflexão os colocou no lugar de pesquisadores, interessados em defender que o desenho, nas aulas de Artes Visuais, ultrapassa o domínio técnico e deve ser reconhecido como uma prática de grande relevância formativa.

Compreender o que se entende por desenho é essencial. Ele não se restringe a um conjunto de técnicas ou fundamentos básicos sobre o uso do lápis, carvão ou grafite para representar símbolos e formas em uma superfície. Vai além da aplicação de luz e sombra, perspectiva ou linhas. O desenho deve ser concebido como linguagem, um meio de interpretar e representar o mundo, e, a partir desta perspectiva, acreditamos que sua aprendizagem configura-se como um direito. Aprender a desenhar significa obter a capacidade de trazer à luz algo do imaginário, é um meio de comunicação e de conhecimento fazendo parte tanto da Arte quanto da Ciência. O desenho é uma maneira única de se racionalizar e de pensar algo.

“O desenho serve aos artistas, assim como aos cientistas, aos técnicos e até ao caipira para realizar a sua pequena escultura. A ação de moldar segue um projeto mental: o desenho aí também existe.

Apesar de sua natureza transitória, o desenho, uma língua tão antiga e permanente, atravessa a história, atravessa todas as fronteiras geográficas e temporais, escapando da polêmica entre o que é novo e o que é velho. Fonte original de criação e invenção de toda sorte, o desenho é exercício de inteligência humana.” (Derdyk,2020)

2.2. Entrevistas com as crianças

Com o intuito de coletar dados para a pesquisa e compreender de que forma o desenho é percebido pelos estudantes no ensino de artes, foram realizadas breves entrevistas com um grupo de alunos do 5º ano. A seleção dos participantes ocorreu de maneira aleatória, de modo a possibilitar respostas mais diversas e representativas. O objetivo das entrevistas foi, ilustrar teorias já discutidas, quanto suscitar novas questões para o debate proposto neste trabalho. Embora a amostra

seja reduzida e não permita generalizações, as respostas obtidas já evidenciam percepções significativas das próprias crianças acerca do desenho.

As entrevistas indicaram que todos possuem algum nível de envolvimento com o desenho, ainda que em diferentes frequências. Três afirmaram desenhar diariamente, sete o fazem ocasionalmente e dois quase nunca, não havendo registros de alunos que não desenhavam. De forma unânime, os participantes reconheceram que as aulas de Artes contribuem para a melhoria de seus desenhos, ressaltando como aspectos positivos a prática frequente, o aprendizado de técnicas específicas, o desenvolvimento de habilidades que qualificam suas produções e a inspiração proporcionada pelo contato com diferentes obras e artistas.

No que se refere à importância do aprendizado do desenho, nove estudantes consideraram-no essencial, dois não o julgaram relevante e um afirmou que sua pertinência depende do contexto. Entre as justificativas destacaram-se a valorização do desenho como forma de expressão pessoal, a contribuição para o autoconhecimento, o estímulo à coordenação motora, a aplicabilidade em trabalhos diversos e a possibilidade de inserção profissional. Em contrapartida, os alunos que não atribuíram importância à referida prática justificaram sua posição pela ausência de relação percebida entre o desenho e a vida adulta. Quanto aos interesses de aprendizado, foram mencionados tanto temas ligados ao realismo, como carros, frutas, pessoas, animais e arte botânica, quanto produções do imaginário e da cultura midiática.

2.3. Fuga ao utilitarismo

Um ponto que se busca evitar é a concepção de que o desenho é relevante apenas por sua utilidade prática ou por estar vinculado às demandas do mercado de trabalho. Embora seja inegável que tais aspectos façam parte da realidade social, restringir o ensino do desenho a essa perspectiva seria limitador. Defende-se, ao contrário, que o desenho deve ser compreendido como um direito de todos, não como privilégio de poucos que supostamente possuem “dom” ou vocação para transformá-lo em profissão. Reconhecer o desenho como direito implica entendê-lo enquanto linguagem universal, acessível e necessária à expressão, à comunicação e à leitura crítica do mundo.

“Escola, como já dissemos, significa tempo livre ou indeterminado. Esse tempo não é ou não precisa ser produtivo; é tempo que permite a alguém se desenvolver como um indivíduo e como cidadão, isento de quaisquer obrigações específicas relacionadas ao trabalho, familiares ou sociais.”(Masschelein, Simons, 2017)

3. Considerações Finais

O relato apresentado permitiu refletir sobre a potência do ensino do desenho nas aulas de artes, a partir da experiência proporcionada pelo PIBID. As observações e práticas desenvolvidas evidenciaram que o desenho, mais do que uma técnica restrita à representação gráfica, constitui-se como uma linguagem capaz de ampliar a percepção estética, a expressão individual e a observação crítica do mundo. Nesse sentido, reconhece-se que sua função no espaço escolar transcende a dimensão utilitarista ou meramente mercadológica frequentemente atribuída a esta prática, e que vigora com bastante força nos dias atuais.

As entrevistas realizadas com os estudantes do 5º ano revelaram percepções significativas sobre a prática do desenho, confirmando sua relevância como instrumento de expressão pessoal, de desenvolvimento cognitivo e motor. Ao mesmo tempo, ficou evidente a necessidade de desconstruir imaginários sociais que reduzem o desenho a um talento restrito a alguns indivíduos dotados de um suposto dom inato. A análise das respostas demonstrou que o contato com abordagens pedagógicas que valorizam os processos criativos pode contribuir para ressignificar o entendimento dos alunos sobre o ato de desenhar.

Assim, considera-se que o desenho deve ser reconhecido como direito formativo e cultural de todos os sujeitos e se caracteriza como um instrumento de conhecimento, comunicação e expressão. A experiência vivenciada no PIBID reforçou a importância de práticas pedagógicas que articulem teoria e prática, incentivem a autonomia criadora e promovam a valorização do desenho enquanto linguagem indispensável no campo das artes visuais e na formação integral dos estudantes.

Referências Bibliográficas

- DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: o desenvolvimento do grafismo infantil**. 3. ed. São Paulo. Panda Educação. 2020.
- DEWEY, John. **Arte como Experiência John Dewey**. Introdução (p8-p49) . Martins Fontes. 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro/São Paulo. Edição Paz & Terra, 2020.
- MASSCHELEIN, Jan. SIMONS, Maarten. **Em Defesa da Escola: Uma questão pública**. Autêntica. São Paulo. 2017.
- SILVA, William Assis. BRANDÃO, Mariana Moreira do Bem. **No chão da escola: a transformação discente e docente provocada pelo PIBID**. Semana da Faced. 2023.